

**DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS DO PRECONCEITO: NOTAS SOBRE A FELICIDADE, A REFLEXÃO E A EXPERIÊNCIA NA SOCIEDADE ATUAL E SUAS RELAÇÕES COM MACABÉA**

**PSYCHOSOCIAL DIMENSIONS OF PREJUDICE: NOTES ON HAPPINESS, THE REFLECTION AND THE EXPERIENCE IN SOCIETY TODAY AND ITS RELATIONS WITH MACABÉA**

**Ana Paula Alves Vieira**

Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
anapaulaaa@gmail.com

**Ana Paula de Ávila Gomide**

Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP)  
Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)  
anapaula@fapsi.ufu.br

**RESUMO**

Tendo como base a teoria crítica da sociedade e a psicanálise freudiana, apresentamos uma discussão sobre o preconceito e seus aspectos psicossociais a partir de uma leitura da protagonista Macabéa, da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. Levantamos a discussão de que a personagem representa as angústias e as possibilidades de resistência dos sujeitos marginalizados pelo funcionamento social e econômico da sociedade tecnológica, bem como a possibilidade de experiência que tem sido obstada no mundo administrado.

**Palavras-chave:** Clarice Lispector. Teoria Crítica. Preconceito. Psicanálise. Literatura.

**ABSTRACT**

Based on the society's critical theory and freudian psychoanalysis, it is presented a discussion on the prejudice and its psychosocial aspects based on a readout of the protagonist Macabéa, from Clarice Lispector's work "The Hour of the Star". It was collected the discussion about the character's representation of the anguish and the possibilities of resistance from marginalized individuals by the social and economic structure of the technological society, as well as the possibility of experience which has been deprived in the administered world.

**Key words:** Clarice Lispector. Critical Theory. Prejudice. Psychoanalysis. Literature.

Este trabalho tem como objetivo apontar alguns elementos constitutivos da personagem Macabéa, protagonista de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, no sentido de evidenciá-la como metáfora dos sujeitos massacrados e marginalizados pelo funcionamento social e econômico de uma sociedade excludente com relação às diversidades humanas. O último romance de Clarice é uma obra particularmente interessante de ser estudada na medida em que sua protagonista, Macabéa, é como que “construída” pelo narrador, Rodrigo S. M., num processo que inclui, justamente, usos altamente conscientes de elementos referenciais que apontam para a realidade psíquico-social da personagem, para além de aspectos existenciais ou metalingüísticos que a obra de Clarice poderia supor. O narrador, Rodrigo S. M., “desabafa” no início da obra: “Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama” (Lispector, 1998, p.19). A exploração da “interioridade subjetiva” de Macabéa aparece nos jogos de linguagem proferidos pelo narrador acerca da “identidade” da protagonista, e nos embates do mesmo com a personagem. O movimento de exposição da “subjetividade” da protagonista é viabilizado, principalmente, pelo processo de auto-reflexão do narrador que é levado às últimas conseqüências. Esse processo revela os conflitos deste frente aos traços e vivências de Macabéa, sendo que tais conflitos são mobilizados e exagerados nas estratégias utilizadas pelo narrador para provocar um “estranhamento” no leitor frente à condição social e subjetiva da protagonista que acaba por representar uma figura de “alteridade”. Desta forma, Rodrigo S.M. alcança a sua autoconsciência crítica – o de “intelectual” conformista – quando procura descrever e desnudar Macabéa que, não obstante, além de representar a categoria de “grupos sociais” excluídos, não deixa de ser caracterizada como difícil de ser descrita, classificada ou nomeada, ou seja, algo fora do alcance da linguagem humana (LISPECTOR, 1998). Assim, partimos da hipótese de que a dificuldade de conceituação e de definição de uma “identidade” da protagonista apresenta as próprias possibilidades de Macabéa também representar a resistência possível aos processos de dominação de uma cultura burguesa dominante: ela contém, por sua vez, uma verdade incompreensível e, por isso, para efeitos deste trabalho, torna-se vítima de preconceitos e de estereótipos sociais.

Desta perspectiva, Macabéa é uma nordestina que vai para o Rio de Janeiro, descrita como subnutrida, feia, mentalmente rebaixada e malcheirosa, beirando ao estado “pré-civilizatório” e animal, e remetendo a tudo que foge à lógica de ajustamento social estabelecido pelos processos de mecanização e de burocratização prevalentes. A protagonista foge a toda lógica da moral convencional, pois evidencia a “alteridade” relutante a esse mundo e aponta, em certa medida, para a “natureza animal” do homem “eliminada” e negada pelos processos civilizatórios (HORKHEIMER & ADORNO, 1985).

Com base na teoria crítica da sociedade e na psicanálise freudiana, propomos uma análise de Macabéa para pensarmos a questão das condições e (im)possibilidades de constituição da subjetividade na sociedade contemporânea, assim lançando luz aos elementos psicossociais relacionados ao preconceito.

## **O LUGAR DA FELICIDADE E DA FRAGILIDADE DA NATUREZA NA SOCIEDADE ATUAL**

Em Macabéa, podemos vislumbrar indícios de uma figura que, mesmo com a “cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1998, p.15), ela se diz, em vários momentos no livro, uma pessoa feliz. Sendo ela uma pessoa obediente, que não reclama e não reage, achava que ser feliz era um dever de todos, pois “ela pensava que a pessoa era obrigada a ser feliz, então era” (LISPECTOR, 1998, p. 27). Não obstante, o narrador Rodrigo S.M. referindo-se à felicidade apática e conformista de Macabéa questiona essa idéia de felicidade também no início do livro: “Felicidade? Nunca vi palavra mais doída, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes” (LISPECTOR, 1998, p. 12). Macabéa, assim como as outras nordestinas, representa bem a idéia de felicidade que temos na sociedade ocidental capitalista, que é a de uma felicidade heterodeterminada pelos modelos estabelecidos em nossa cultura e sem a mediação da consciência reflexiva acerca deste estado.

O seguinte trecho também ilustra essa discussão: “Não sabia que era infeliz. É porque ela acredita. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa – basta acreditar. Isso lhe dava às vezes estado de graça. Nunca perdera a fé” (LISPECTOR, 1998, p. 26). O trecho aponta também para a questão da protagonista acreditar na felicidade porque essa é difundida por “vós”, que seria o leitor e a sociedade em geral. Ela acredita na propaganda que é feita sobre a felicidade e na ilusão de que todos são felizes se tiverem esperança e fé, apenas. Isso é difundido mesmo numa sociedade em que se estimula o consumo como forma de se obter felicidade, o que aponta para uma contradição, pois, se esse é o pressuposto para a felicidade, como uma pessoa de classe destituída de poder econômico pode ser feliz sem consumir? Apenas tendo fé e esperança? Essa seria uma forma de conformar a população: fazer com que todos acreditem que são felizes da mesma forma.

Com essa padronização ideológica, tem-se uma padronização dos sonhos. Um sonho comum fomentado pela indústria de consumo é a possibilidade de ser estrela da televisão, e com Macabéa não é diferente. A autora também nos mostra outra forma em que todos,

inclusive Macabéa, vão ser um dia estrela: “Pois na hora da morte a pessoa se torna brilhante estrela de cinema, é o instante de glória de cada um e é quando como no canto coral se ouvem agudos sibilantes” (Op.cit, p. 29). Esse seria então um momento de realização de sonho, um momento de felicidade genuína que de fato é vivido por todos.

Em Macabéa, paradoxalmente, também encontramos elementos que apontam para um tipo de felicidade recalcitrante à existência conformista. Por exemplo, o seguinte trecho no livro demonstra a verdadeira felicidade de Macabéa, pela qual as possibilidades de fruição e de liberdade são lançadas quando a protagonista resolve faltar ao trabalho:

Então, no dia seguinte, quando as quatro Marias cansadas foram trabalhar, ela teve pela primeira vez na vida uma coisa a mais preciosa: a solidão. Tinha um quarto só para ela. Mal acreditava que usufruía o espaço. E nem uma palavra era ouvida. Então num ato de absoluta coragem, pois a tia não a entenderia. Dançava e rodopiava porque ao estar sozinha se tornava l-i-v-r-e! [...] Encontrar-se consigo própria era um bem que não conhecia. Acho que nunca fui tão contente na vida, pensou (LISPECTOR, 1998, p. 41).

De acordo com Crochik (2000), a cultura estabelece um tipo ideal de homem no qual o indivíduo deve ser forte e inteligente para controlar seu corpo e suas vontades, além dos atributos de saúde física e psíquica exigidos socialmente. No seu processo de desenvolvimento, o indivíduo introjeta esses valores inconscientemente e tenta sempre atingir esse tipo ideal, por mais impossível que ele seja, às expensas de sua própria saúde mental para a adaptação. Nessa direção, a felicidade hoje é vista como sinônimo de força, assim como a tristeza é vista como uma fraqueza, uma fragilidade. O homem bem adaptado tem essa obrigação de demonstrar força e de não se mostrar triste. Entretanto, trata-se de uma felicidade heterodeterminada pelos comportamentos economicamente racionais.

Freud (1974), na obra *O Mal-Estar na Civilização*, apresenta os impasses e a impossibilidade de uma felicidade genuína na cultura que privilegia o sacrifício e a renúncia das pulsões humanas, além de apontar as limitações constitucionais da busca de felicidade individual. Freud afirma que o princípio de prazer domina o aparelho psíquico determinando o propósito da vida, pois as pessoas têm como intenção e propósito serem felizes e assim permanecer. Para isso querem se ausentar de sofrimento e do desprazer e experimentar, intensamente, os sentimentos de prazer. O homem se move no sentido de buscar algum ou os dois objetivos, mas a palavra “felicidade” está ligada a esse último aspecto, o de busca de prazer. Entretanto, o que chamamos de felicidade provém de uma satisfação possível em um momento episódico: quando o princípio de prazer se prolonga, há um sentimento de

contentamento t nuo, significando que são derivamos prazer intenso de um contraste, não apenas de um estado de coisas, tal como Goethe assinalou na seguinte sentena ressaltada por Freud: “nada é mais difícil de suportar que uma sucessão de dias belos” (FREUD, 1974, p.95). A crítica da cultura encontrada em Freud é a de que essa última não compensa o homem pelos sacrifícios pulsionais exigidos a ele para a sua adaptao   sociedade. Sendo assim, a felicidade humana é praticamente impossível. Esta impõe um padrão de felicidade como um modelo pré-estabelecido, gerando infelicidade em quem não consegue alcanar tal padrão calcado nos mandamentos de uma “moral sexual civilizada”.

De acordo com Freud (1974), para o homem fugir ou suportar o sofrimento e o desprazer que a vida nos proporciona, as seguintes medidas paliativas são utilizadas: os derivativos poderosos – o homem poder extrair luz desses aspectos negativos da vida –, as satisfaes substitutivas, e as substâncias tóxicas. Um exemplo de derivativos poderosos seria a atividade científica, o de satisfaes substitutivas, seria a arte, devido ao papel que a fantasia possui na mente, e um exemplo de substâncias tóxicas seria o uso de remédios, pois estes influenciam nosso corpo, alterando sua química.

Como em nossa cultura não há tempo para tristeza, a medida paliativa que está mais sendo ultimamente utilizada é a última – as substâncias químicas –, pois se a tristeza é tratada como doena, nada mais comum que se trate dela da mesma forma que se trata outra doena: com remédios. Esses não deixam espao para que a pessoa pense sobre o que a incomoda, acabando com o desconforto imediatamente, fazendo com que o sujeito d  continuidade aos seus comportamentos produtivos, e, assim, na aparência de felicidade. As pessoas preferem se sedar e dormir a enfrentar seus problemas, não havendo tempo para olhar para si mesmas para poder pensar e refletir sobre situaes que acontecem no cotidiano, por exemplo, e nem tampouco questionarem as contradies embutidas na realidade social, assim minando a possibilidade de reconhecimento na cultura. De acordo com Freud (1974), o uso de substâncias tóxicas para afastar a desgraa   apreciado como um benefício, ocupando um lugar permanente na economia da libido. Mas o autor alerta que essas substâncias são capazes de causar danos sendo responsáveis pelo desperdício de energia que poderia ser empregada para o aperfeiamento do “destino humano”, pois essas substâncias proporcionam um afastamento da realidade e, conseqüentemente, um refúgio no mundo próprio. Elas são um “amortecedor de preocupaes”.

A felicidade tão valorizada hoje em dia nada tem a ver com o sentimento pessoal, com aquilo que nos faz sentir bem, mas sim com aquilo que faz bem para manter a sociedade como está. A felicidade valorizada é um estado apático e conformista que Ramos (2004)

chama de “apatia feliz”. Ora, até que ponto o estado de apatia pode corroborar com o clima social do preconceito? Em que medida a “descontração” fornecida por esse estado conformista de felicidade precária impede a identificação de sujeitos com a dor sentida pelo “outro” – aquele que justamente encontra-se excluído pelo funcionamento social e econômico? Para o autor, o homem recalçou as possibilidades concretas do amor e da compaixão, colocando em seu lugar essa condição apática. Essa tem, então, ganhado espaço na sociedade moderna, enquanto o amor e a compaixão, em suas formas burguesas, tem servido apenas para camuflar essa apatia protetora. Então a felicidade de que estamos falando é aquela que faz o sujeito representar bem o seu papel na sociedade, ou seja, é aquela que faz ser um bom filho, um bom cidadão, um bom trabalhador que não questiona ou foge de suas obrigações. Isso é estar feliz: é mostrar-se contente e aceitar aquilo que a cultura impõe. Sendo assim, há uma tendência à homogeneização dos comportamentos que alimenta o preconceito, pois quem foge à essa “felicidade conformista” pode ser excluído pela coletividade. A cultura cobra uma adequação conformista do sujeito em sociedade, que pode ser percebido no seguinte trecho do livro, a respeito de Macabéa: “[...] sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (LISPECTOR, 1998, p.36). Essa obrigação de ser feliz é então parte da representação do papel social que é uma representação para os outros. Essa felicidade não é sinônimo de estar bem consigo mesmo, mas sim de se mostrar bem. Uma pessoa que se sente bem consigo mesma, mas que foge aos padrões é visto pelos outros como infeliz, como perdido, como aquele que não conseguiu se adaptar.

A obrigação de ser feliz também ocorre porque a tristeza e a angústia incomodam, pois que sinalizam para a fragilidade que todos os sujeitos se encontram, tendo em vista as condições desumanas pelas quais historicamente os homens estão submetidos e se constituem. De acordo com Crochik (2000), no nível da cultura e no nível individual existem tentativas do homem de esquecer os primórdios da história humana, de se negar o passado arcaico no qual a fragilidade mediante à natureza foi experimentada como “um período de limitação demasiada frente à supremacia do destino, que se colocava nas ameaças provindas da natureza” (CROCHÍK, 2000, p.42).

Freud (1974) discorre sobre essa questão de negarmos o nosso passado arcaico, e nossa intrínseca relação com a natureza. A noção de recalque orgânico tem como origem na adoção de uma postura ereta, pois o homem passou a ter visíveis seus órgãos genitais, surgindo necessidade de proteção e, conseqüentemente, produziu sentimentos de vergonha, o que Freud chama de “processo fatídico da civilização” (JORGE, 2005, p. 41). Segundo Freud

(1974), esse processo prosseguiu com outros acontecimentos advindos da postura ereta, como a desvalorização do olfato, a conseqüente valorização e predominância da visão, e o isolamento do período menstrual, sendo vista como uma fase do desenvolvimento que foi superada, pois os estímulos olfativos, antes do homem assumir a postura ereta, faziam com que a menstruação fizesse efeito sobre a psique masculina, o que mudou a medida que o homem adquiriu a postura ereta e a decorrente valorização de estímulos visuais.

Outros derivados da repressão orgânica são a fundação da família e da civilização, em geral, na qual tabus, leis e costumes foram impostos, assim, grande quantidade de energia psíquica teve de ser retirada da sexualidade e utilizada para fins econômicos, como para trabalhar, assim se impondo as necessidades econômicas sobre as idiosincrasias humanas. Nossa civilização repudia tanto as manifestações de sexualidade em crianças quanto em adultos, sendo estipulada uma única forma de sexualidade, na qual desconsidera as dessemelhanças inatas ou adquiridas na constituição sexual de cada um. A função sexual é então repugnada assim como as funções que nos remetem ao primitivo. Segundo Freud:

Todos os neuróticos, e várias outras pessoas, repudiam o fato de que nascemos entre urinas e fezes. Também os órgãos genitais dão origem a intensas sensações de odor que muitas pessoas não podem tolerar e que estragam suas relações sexuais. Assim descobriríamos que a raiz mais profunda da repressão sexual, que avança juntamente com a civilização, é a defesa orgânica da nova forma de vida alcançada com o porte ereto do homem contra a sua primitiva existência animal (FREUD, 1974, p.127).

Com o desenvolvimento da civilização, o aspecto primitivo e arcaico do humano são ocultados e até mesmo (aparentemente) banidos na cultura. Negando seu passado arcaico, o humano desafia a natureza, sem se pensar parte dela e tem uma relação de competição, a qual quer ser sempre mais forte que ela. Tanto é que o poder superior da natureza e a fragilidade de nossos corpos são fontes de sofrimento para nós (FREUD, 1974). Com o processo civilizatório, a humanidade tem desenvolvido formas mais sofisticadas de dominação da natureza, sendo assim, a tecnologia é um instrumento que proporciona cada vez mais força e domínio do homem perante a natureza. Para efeitos deste trabalho, a fragilidade que o homem tenta esconder é exaltada em Macabéa, que nos lembra também o primitivo. Por exemplo, as atribuições ao seu "corpo frágil" por parte do narrador são elementos importantes para a relação da protagonista com a natureza dominada. Encontramos os seguintes trechos: "-Ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzira-se a si" (LISPECTOR, 1998, p.24), ou, "- Ela somente vive, inspirando e expirando [...]"(Op.cit, p.39).

Outro aspecto repudiado pela civilização, que remete ao primitivo e é exaltado em Macabéa é seu cheiro forte: “Uma colega de quarto não sabia como avisar-lhe que seu cheiro era morrinhento. E como não sabia, ficou por isso mesmo, pois tinha medo de ofende-la” (LISPECTOR, 1998, p. 27). Como o olfato perdeu seu valor para visão no processo civilizatório do homem, então o fato da protagonista exalar um cheiro ruim, reflete sua não preocupação com a vaidade, o que também a destoa das outras pessoas, e o repúdio em relação ao seu cheiro remete à repressão orgânica, o que a faz lembrar mais uma vez o primitivo. Assim, os trechos citados mostram que a personagem Macabéa acaba por reforçar e trazer à tona tais condições de indivíduo que se constitui mediado pelas relações sociais e históricas expropriadoras da subjetividade.

De acordo com Freud (1974), é certo que as espécies mais desenvolvidas se originaram das mais baixas, mas no domínio da mente encontramos em existência todas as formas simples. O elemento primitivo se mostra preservado juntamente com a versão transformada que dele surgiu. Então o que se passou na vida mental pode ser preservado e não é necessariamente destruído. Esse raciocínio nos leva a pensar que, por mais que tenhamos superado os nossos instintos animais, eles ainda subsistem em nós, e com as imposições da civilização somos levados a esconder e a nos envergonharmos desses instintos e pulsões.

Macabéa, enquanto uma nordestina migrante residindo no Rio de Janeiro, se distancia do modelo de beleza imposto pela cultura e não se envergonha de ser diferente, ou fazer parte de grupos segregados. A protagonista simboliza a fragilidade que foi encoberta pela civilização retomando o tema da história subterrânea da natureza denegada pelo processo civilizatório, portanto, acaba sofrendo as consequências dessa diferença como possível objeto de preconceito e de perseguição. Um dos motivos para isso seria que ela não é vista pela sociedade como forte e adaptada no mundo, incomodando aos outros por ser assim. Ela própria reconhece essa não adaptação em uma conversa com seu namorado Olímpico: “Ela: - Desculpe mas acho que não sou muito gente [...] É que não me habituei” (LISPECTOR, 1998, p.48).

## **O CORPO NA SOCIEDADE DE CONSUMO: NARCISISMO E PRECONCEITO**

Macabéa não reconhece e não compartilha dos valores burgueses, assim não se enquadrando nos padrões da beleza. Assim como a felicidade é sinônimo de saúde e a tristeza de doença, de acordo com Sant’Anna (apud RAMOS, 2004), a feiúra, a partir do final do Séc. XIX, ganha em nossa sociedade um caráter de doença, e a beleza, um caráter de saúde. As

práticas de embelezamento vão além da beleza em si, pois elas se configuram como forma de redescobrir o corpo, a sensibilidade e a sensualidade. Com isso, existe um procedimento de massificação e de pseudo-inividuação quando o corpo visto como objeto a ser manipulado e transformado torna-se um corpo-coisa “não-vivo”. As técnicas de embelezamento indispensáveis em nossa sociedade se constituem, também, em procedimentos para o fortalecimento do corpo forte e enrijecido. Isso acontece porque esse corpo é fundamental para agüentar a pressão social e econômica existentes, sendo assim, essa configuração de corpo perfeito é vista como eficiente e funcional. Esse corpo “substitui o corpo expressivo, que ao menos pode representar o sofrimento existente, denunciando o pseudo-prazer a que se é submetido” (CROCHIK *apud* RAMOS, 2004, p.147). Macabéa sendo feia e apresentando esvoaçada magreza, foge a essa lógica do embelezamento, do corpo dito perfeito, configurando-se como um corpo-vivo, como uma pessoa capaz de relativa autonomia, expressão e liberdade. O seguinte trecho demonstra esse distanciamento de Macabéa em relação à lógica do embelezamento:

Mas tinha prazeres. Nas frígidas noites, ela, toda estremecente sob o lençol de brim, costumava ler à luz de vela os anúncios que recortava de jornais velhos do escritório. Colava-os no álbum. Havia um anúncio, o mais precioso, que mostrava em cores o pote aberto de um creme para pele de mulheres que simplesmente não eram ela. Executando o fatal cacoete que pegara de piscar de olhos, ficava só imaginando com delícia: o creme era tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo não seria boba. Que pele, que nada, ela o comeria, isso sim, às colheradas no pote mesmo (LISPECTOR, 1998, p.38).

Essa atitude de Macabéa remete à uma pequena transgressão em relação ao controle narcísico voltado ao corpo, apresentado no fato de pessoas consumirem produtos para se auto-valorizar e satisfazer seu narcisismo próprio, e também remete à sua simplicidade orgânica e à sua inocência, pois parece infantil o fato de querer comer o creme. Uma sociedade narcísica como a nossa, na qual produtos são criados a todo momento para satisfazer ao nosso próprio ego acaba fomentando mais o narcisismo e o preconceito. De acordo com Freud, narcisismo é:

A descoberta de que o próprio ego se acha catexizado pela libido, de que o ego, na verdade, constitui o reduto original dela e continua a ser, até certo ponto, seu quartel-general. Essa libido narcísica se volta para objetos, tornando-se assim libido objetual, e podendo transformar-se novamente em libido narcísica (FREUD, 1974, p.140).

Tendo em vista o consumismo desenfreado no qual vivemos, esse nada mais é do que essa relação de libido objetual que se transforma novamente em libido narcísica, pois compramos algo para nos satisfazer de forma individual, na maioria das vezes, com essa

satisfação individual exacerbada, a libido deixa de ser distribuída em outros aspectos, se concentrando na libido narcísica. Sendo assim, as pessoas que fogem a essa lógica narcísica, como Macabéa – pois esta é diferente e por isso talvez até mesmo ameace o narcisismo das pessoas – tornam-se marginalizadas e vítimas de preconceito.

Retomando a passagem que mostra Macabéa querendo comer o creme, as outras pessoas simplesmente gostariam de consumir o creme porque este passa a idéia de beleza, de cuidado com o corpo, que é tão valorizado e exaltado na sociedade de consumo. Essa maneira como lidamos com o corpo, que se tornou coisificado, é fruto do sentimento que a sociedade contemporânea tem gerado em relação ao próprio corpo. Há um exagero na forma como o exibimos, no qual é possível perceber claramente no design das roupas da moda, nas academias, nos meios de comunicação. Devemos cuidar extremamente de nosso corpo, pois ele se tornou um instrumento fundamental do mercado (como força de trabalho), de autoconhecimento e de sedução. Esse exagero de amor ao corpo nada mais é do que, de acordo com Ramos (2004), uma formação reativa, ou seja, um mecanismo de defesa no qual expressamos exagerado amor para disfarçar o ódio e a violência contra o corpo, ou seja, é um esforço de conter essa ambivalência e amor-ódio.

Essa ambivalência se constitui, de acordo com Horkheimer e Adorno (1985) durante a história da dominação do corpo que se segue subterrânea, na qual a humanidade recalcou destinos dos instintos e das paixões. Sendo assim, a publicidade reflete essa dominação, apelando para a louvação do corpo e da saúde que se realiza de uma forma disciplinadora e administrada. Com isso o amor-ódio é dividido entre o amor excessivo aos iguais e o ódio excessivo aos diferentes, “lembrando que estes “diferentes” geralmente incide alguma representação - real ou não - da vida e da liberdade sufocada e atrofiada pela sociedade e recalçada pelo amor excessivo entre “iguais” (RAMOS, 2004, p.136).

Sendo assim na nossa sociedade o sujeito não é capaz de enxergar as diversidades e diferenças. O que significa, de acordo com o autor, um enfraquecimento de espírito, no qual as pessoas não são capazes de ver além do corpo, e uma redução da identidade para as características do corpo (RAMOS, 2004). É por isso que as pessoas nem sequer olhavam para Macabéa, pois ela não passava de um corpo nordestino, uma magrela, com “cara estreita e amarela”, com um “rosto que pedia tapa” (LISPECTOR, 2008, p. 24, 25). Ela faz parte dos diferentes, da minoria e, segundo Horkheimer e Adorno, “a perseguição das minorias encontra sua essência nesta redução do indivíduo a seu corpo, motivada pela história subterrânea de uma sociedade dominadora” (HORKHEIMER & ADORNO, 1985, p.138). Sendo a identidade da protagonista do livro reduzida a seu corpo, ela é vítima de preconceitos e de racismo.

O racismo é sustentado, segundo Ramos (2004), pelas mais sinceras e fajutas ideologias que escondem o amor-ódio ao corpo. De concordância à isso, Crochik (2000) afirma que a ideologia é um produto cultural que esconde a dominação que não é necessária para a autoconservação da humanidade – pois a sociedade já alcançou um estágio técnico no qual todos podem viver bem - e se exerce como dominação, contrapondo-se a uma consciência crítica. A ideologia que subjaz ao preconceito social e étnico expressa uma hierarquia de dominador e dominado, fraco e forte, bem e mal-adaptado e do melhor e pior. Essa hierarquia se dá pela formação de grupos coesos nos quais as pessoas que se identificam acham-se “iguais”, e aqueles que se diferem do grupo são vistos como inimigos. Ocorre uma classificação de pessoas, assim como fazemos com objetos, e isso só é possível porque as pensamos como coisas, como corpos não vivos, passíveis de serem classificados, rotulados e excluídos.

Macabéa é classificada como fazendo parte de uma “raça anã” (LISPECTOR, 1998, p. 80), ela representa então as vítimas de preconceito, de nordestinos que se mudaram para capitais, como, no caso, o Rio de Janeiro. O nordeste é visto como um lugar “atrasado”, “arcaico”, enquanto o Rio de Janeiro é visto como um lugar desenvolvido, “civilizado”. Isso faz com que essa classificação se repita também para os moradores dessas regiões. Tal fato nos remete a questão de negarmos nossa natureza, de considerarmos como melhor e mais desenvolvido algo que nos afasta da natureza, que nos esconde dela por meio de construções e da tecnologia voltada para a máxima exploração da natureza. Não enxergar Macabéa e classificá-la como inferior, significa que enxergamos nela, assim como no nordeste, o arcaico, a fragilidade que nossa sociedade tanto quer esconder.

Macabéa se difere nesse sentido de Glória – outra personagem da obra de Clarice -, que é “carioca da gema” (LISPECTOR, 1998, p.59). Glória possui características opostas às da protagonista:

Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava-se em amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico [...] O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, Glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade (LISPECTOR, 1998, p.59).

Olímpico, namorado de Macabéa, termina com ela para ficar então com Glória. Nem mesmo com esse término a personagem sentiu um sentimento forte de desespero ou tristeza. Ela continuou colega de Glória, sem demonstrar ressentimentos, já Glória tentou compensar o roubo do namorado chamando ela para lancha em sua casa: “Soprar depois de morder? (Ah

que história banal mal agüento escrevê-la.)” (LISPECTOR, 1998, p.66). Isso demonstra mais uma diferença entre essas duas personagens: Glória sabe que agiu de forma errada e tenta consertar dando algo para Macabéa e essa ação a mostra como uma pessoa adaptada à sociedade burguesa, pois o ato de presentear como forma de se desculpar está fortemente arraigado nos valores da sociedade administrada em que vivemos que é a sociedade baseada na lógica de equivalentes – a sociedade mercantil.

Como Macabéa não vê Glória como uma concorrente, ela não apresenta essa ideologia bem presente em nossa sociedade de que viver é competir. De acordo com Oliveira (*apud* RAMOS, 2004), a competição está pautada no mesmo processo que constitui o indivíduo, em uma lógica de dominação da natureza e do outro. “O corpo é posto à serviço da dominação de si para a superação do outro, sendo que na lógica de mercado que se expandiu para todos os âmbitos da vida particular, [...] viver confunde-se com competir” (RAMOS, 2004, p. 151). A protagonista claramente não possui essa lógica de mercado, pois em outra passagem da obra também fica evidente isto: quando Seu Raimundo - o patrão de Macabéa - lhe despede, ela parece não entender o que acontece, não pensa que alguém assumiria seu lugar e que ficaria sem emprego em uma sociedade pautada nisso para sobreviver, o seu comportamento é simplesmente pedir desculpas, o que causa estranhamento em seu chefe. Essa não compreensão dos valores burgueses a coloca à margem da sociedade, pois “todo aquele cujo corpo não permite a competição, seja ela de prazer ou de sofrimento, será excluído, vencido, inferiorizado, perdendo-se na massa anônima dos medíocres” (RAMOS, 2004, p.151).

Essa incompetência para viver nessa sociedade técnica faz, então, Macabéa ser objeto de preconceito e de perseguição. Segundo Crochik (2000), “numa cultura que privilegia a força, o preconceito prepara a ação da exclusão do mais frágil por aqueles que não podem viver sua própria fragilidade” (p.27). O preconceituoso é frágil assim como ou mais do que Macabéa, então ele se identifica com ela, mas logo nega essa identificação inconsciente, se achando superior e projetando sua fragilidade no “outro” (Macabéa), que se torna sinônimo de inferioridade, no seu objeto de preconceito. Assim: “A sensação de superioridade do preconceituoso em relação à sua vítima é solicitada por uma cultura que não permite lugar fixo [...]. O poder sobre o mais fraco é a busca de um espaço em uma sociedade que gira em torno do poder” (CROCHIK, 2000, p. 50). De acordo com o mesmo autor, nossa sociedade é sustentada pelo medo da exclusão, assim, aquelas pessoas que não seguem os ditames da cultura são frequentemente excluídos e vítimas de preconceito.

Macabéa representa os excluídos, os “parafusos dispensáveis da sociedade” (LISPECTOR, 1998, p.29). Ela se difere muito das outras pessoas, pois, de acordo com Sperber (1983), ela é uma personagem feita de contradições, “reúne em si pobreza econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre segundo os padrões dominantes. Além disto é mulher, meio mestiça na raça e na religião. Ela é minoria” (p.155). Mas a personagem “nem se dava conta que vivia numa sociedade onde ela era parafuso dispensável” (LISPECTOR, 1998, p.29). Apenas um dia ela pensou fazer parte do grupo de excluídos da sociedade:

Outro retrato: nunca recebera presentes. Aliás não precisava de muita coisa. Mas um dia viu algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (LISPECTOR, 1998, p.40).

Mas mesmo nesses lampejos sobre a sua situação social, Macabéa não se enxerga como parte dos excluídos e não vê sentido em uma luta, já que não se reconhece como minoria, injustiçada e vítima de preconceitos. Esse trecho demonstra um caráter crítico no livro, pois coloca Macabéa como fazendo parte dessa classe social minoritária, “humilhada e ofendida”, que a protagonista não enxerga. A autora, nas palavras do narrador- Rodrigo S. M.-, também nos situa como pertencentes a uma classe social, que no caso é a que humilha, ofende e oprime, no seguinte trecho:

Se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como às vezes é o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel da vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta. Embora a moça anônima da história seja tão antiga que podia ser uma figura bíblica. Ela era subterrânea e nunca tinha tido floração. Minto: ela era capim. (LISPECTOR, 1998, p.30).

Clarice nesse parágrafo provoca o leitor e tenta instilar no mesmo uma consciência mais crítica. Ao falar a questão de sair de si para ver o outro e apontar isso como algo novo e, portanto, assustador, está implícito que geralmente isso não acontece, e já que isso não acontece no cotidiano, a literatura é uma possibilidade ou uma “válvula de escape” para que isso aconteça. Ela, de certa forma, problematiza o fato de que seu leitor pertence à classe média e que não enxerga as diversidades do outro pertencente à outra classe social e, a partir

dessa certeza, ela propõe que esse leitor saia de sua zona de conforto e consiga ver outra condição ao ler o livro. Ela critica o leitor, juntamente com a sociedade, e também a relação dele com a leitura: como uma válvula de escape ou algo supérfluo.

Essa “alfinetada” acontece também em suas sugestões de título. A autora apresenta outras doze alternativas de título: “A culpa é minha”, “Ela que se arranje”, “O direito ao grito”, “.Quanto ao futuro.”, “Lamento de um blue”, “Ela não sabe gritar”, “Uma sensação de perda”, “Assovio no vento escuro”, “Eu não posso fazer nada”, “Registro dos fatos antecedentes”, “História lacrimogênica de cordel” ou “Saída discreta pela porta dos fundos”. Os títulos “A culpa é minha”, “Ela que se arranje” e “Eu não posso fazer nada” podem se referir tanto ao narrador (ela mesma), que é o detentor da vida e do destino que a personagem tem, quanto ao leitor, que ao enxergar a personagem, pode ter sentimentos de culpa, de não culpa ou até mesmo de impotência. O leitor pode sentir culpa por não enxergar as “Macabéas” que se encontram nas ruas ou por fazer parte da classe que as exclui e as marginaliza, dentre outras questões. O segundo título representa a individualização dos problemas que acontece na sociedade atual, como se cada um fosse o único responsável pelo seu destino, desprezando todo o contexto social em que a pessoa está inserida. E o último dá a sensação até mesmo de comodismo, no sentido de que a desigualdade existe e não há nada que se possa fazer. O seguinte trecho, que aparece no livro entre parênteses, também problematiza essas questões: “Quando penso que eu podia ter nascido ela – e por que não? – estremeço. E parece-me covarde fuga de eu não ser, sinto culpa como disse num dos títulos.” (LISPECTOR, 1998, p. 38).

Tanto a autora como o leitor poderiam ter nascido “Macabéa” e ao perceber isso talvez seja uma fonte de sofrimento, de culpa ou um banho de realidade. Isso também pode ser percebido em outro trecho:

Se estou demorando um pouco em fazer acontecer o que já prevejo vagamente, é porque preciso tirar vários retratos dessa alagoana. E também porque se houver algum leitor para essa história quero que ele se embeba da jovem assim como um pano de chão todo encharcado. A moça é uma verdade da qual eu não queria saber. Não sei a quem acusar mas deve haver um réu (LISPECTOR, 1998, p.39).

Os títulos “Direito ao grito” e “Ela não sabe gritar” nos leva a pensar que a protagonista tem reivindicações e contestações a fazer perante essa sociedade e que por algum motivo não faz, talvez até mesmo por não saber de seus direitos enquanto pessoa, que vai além de sua mera existência. O seguinte trecho também demonstra isso:

Ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça. E ela tanto mais me incomoda quanto menos reclama. Estou com raiva. Uma cólera de derrubar copos e pratos e quebrar vidraças. Como me vingar? Ou melhor, como me compensar? Já sei: amando meu cão que tem mais comida do que a moça. Por que ela não reage? Cadê um pouco de fibra? Não, ela é doce obediente (LISPECTOR, 1998, p. 26).

Assim, pensamos que os trechos acima citados apontam que a autora Clarice problematiza, de maneira sutil e, por vezes, explícita em sua narrativa, as desigualdades sociais e o preconceito que se desencadeia disso, além de questionar o mundo administrado e a cultura dominante. De acordo com Sperber (1983), Clarice lida com personagens abomináveis tanto para a perspectiva burguesa quanto para a esquerda. São personagens contraditórios e incoerentes sem papel na história das classes dominantes ou na luta de classes

### **A PULSÃO DE MORTE E SUA RELAÇÃO COM O PRECONCEITO**

De acordo com Freud (1974), o homem tem uma inclinação para a agressão e isso é um fator que perturba nossos relacionamentos e força a civilização a um elevado consumo de energia. A cultura, por meio de regras e de interdições sociais, utiliza-se de mecanismos a fim de impor limites a esses impulsos agressivos, mantendo suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Um dos mecanismos mais eficazes apresentados pela psicanálise é a introjeção por parte do indivíduo dessas interdições, inicialmente representadas pelas figuras parentais para o desenvolvimento do superego. A agressividade é então internalizada, sendo assumida pelo superego e é gerada uma tensão na qual este está pronto para depositar no ego a mesma agressividade que o ego faria contra outros indivíduos. Freud chamou essa tensão de sentimento de culpa, no qual o indivíduo vê, a partir dessa internalização, uma necessidade de punição. Dessa forma ao ser estabelecido essa instância psíquica, o superego, a civilização domina o desejo de agressão. A partir desse momento, a civilização usa também de métodos que incitam pessoas a se identificarem e a terem relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, a restrição à vida sexual e o mandamento de amar o próximo como a si mesmo.

A civilização se constitui de grupos que também seria uma reação psíquica reativa em relação ao impulso de agressividade. De acordo com Freud:

A vantagem de que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um esconderijo sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível. É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações para a sua agressividade (1974, p.136).

Freud (1974) chama esse fenômeno de “narcisismo das pequenas diferenças” (p.136), mas reconhece que esse nome não o explica muito. Entendemos que os grupos então são compostos por pessoas que se “gostam” ou que se aturam e que, de alguma forma, se identificam, e os que estão fora do grupo acabam sendo alvo de agressividade e de hostilidade. Pelas formulações psicanalíticas – ainda que Freud não tenha tratado diretamente do assunto - o preconceito seria então um fenômeno no qual o impulso agressivo aparece de alguma forma, em um sentimento de desprezo ou chegando a atividades mais agressivas como gestos, brigas e até mesmo mortes contra pessoas (o “estranho”) que poderiam ameaçar o narcisismo de supostos agressores. A vítima de preconceito seria o bode expiatório desses grupos, seria o alvo/objeto do impulso agressivo.

Freud questiona o mandamento de amar ao próximo como a si mesmo, colocando que ao amar uma pessoa, ela deve merecer esse amor de alguma maneira, “se for de tal modo semelhante a mim, em aspectos importantes, que eu possa me amar nela; merecelo-á também, se for de tal modo mais perfeita do que eu, que nela eu possa amar meu próprio ideal de meu próprio eu (self)” (FREUD, 1974, p.131). O autor coloca também que amar um estranho dessa maneira seria até mesmo errado e injusto, pois estaria colocando no mesmo plano daqueles que amamos e os quais preferimos. Nas palavras do autor: “Se, no entanto, devo amá-lo (com esse amor universal) meramente porque ele também é um habitante da Terra [...] receio então que só uma pequena quantidade de meu amor caberá à sua parte” (FREUD, 1974, p.131). Esse mandamento, assim como o que fala para amar os inimigos, são mentirosos pois o estranho (e o inimigo) não nos ama dessa forma, nesse amor universal, então devemos retribuir o amor da mesma forma que o recebemos, então o mandamento devia dizer “ama o teu próximo como este te ama” (p.132). Nas palavras de Freud:

O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo não é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo (1974, p.133).

O trecho acima mostra como a civilização, de certa forma, contribui para o fortalecimento desse impulso agressivo derivado da pulsão de morte. Ela contribui negando que o homem seja assim como dito acima, o colocando como exclusivamente puro, isento de

agressividade, e, com isso, fortalece também o preconceito perante as pessoas que são de alguma forma diferentes. Esse fortalecimento acaba resultando também em algumas atrocidades cometidas contra os “diferentes”. A civilização esconde ou até mesmo ignora essa inclinação do homem para a agressão que, de acordo com Freud (1974, p.144), “constitui no homem uma disposição instintiva original e auto-subsistente, e retorno a minha opinião de que ela é o maior impedimento à civilização”.

A civilização se constitui a serviço de Eros, combinando indivíduos em famílias, raças, povos, nações e, então, na unidade da humanidade. Freud (1974) afirma desconhecer porque isso acontece, mas que esse seria o trabalho de Eros. Nessa grande unidade, os homens devem estar libidinalmente ligados, mas mesmo a necessidade e as vantagens do trabalho contribuem para a não manutenção dessa união. O que também não contribui e se opõe a esse programa de civilização é o impulso agressivo e a hostilidade do homem. O autor coloca que esse impulso agressivo é derivado e principal representante da pulsão de morte, o qual divide o domínio do mundo com Eros. O impulso de morte é contrário a Eros, ele busca dissolver as unidades (reunidas em formas cada vez maiores por Eros, no sentido de preservar a substância viva) e as conduzir de volta a seu estado primitivo e inorgânico. A evolução da civilização representa então a luta entre Eros e o impulso de morte, ou seja, a luta do humano pela vida.

O seguinte trecho aponta sobre a pulsão de morte, mostrando que Macabéa também sinaliza acerca do medo e da angústia suscitados em nossa cultura que, não obstante, para fins de integração social, se baseia na força física e na ameaça, além do fortalecimento do sentimento de culpa nos sujeitos: “Devo dizer que ela era doida por soldado? Pois era. Quando via um, pensava com estremecimento de prazer: será que ele vai me matar?” (LISPECTOR, 1998, p. 35).

## **O LUGAR DA EXPERIÊNCIA NAS SOCIEDADES TECNOLÓGICAS**

Macabéa pode ser considerada “ingênua” e “inocente” tendo em vista a sociedade administrada, pois a personagem faz perguntas que as outras pessoas não fariam. De acordo com Sperber (1983), ela faz perguntas hábeis e inteligentes sobre o significado de palavras e conceitos, mas Olímpico (a quem ela indagava) as via como idiotice, como perguntas ignóbeis, como sinal de fraqueza.

Olímpico, apesar de também ser minoria, podemos dizer que tem introjetado os valores da cultura dominante, o que o difere de Macabéa. Ele “não era inocente coisa alguma apesar de ser vítima geral do mundo” (LISPECTOR, p. 47). Diferente de Macabéa, que

questionava e usava muito o “não sei” em seu vocabulário, ele a respondia mesmo sem saber ou a criticava por estar perguntando. Olímpico representa bem o mundo técnico que vivemos, no qual, de acordo com Bondía (2002), se torna cada vez mais rara a experiência, o pensar, a reflexão. De acordo com o autor, a experiência é o que nos toca, o que nos passa e não o que se passa, visto que muitas coisas se passam a todo o momento na sociedade contemporânea, são muitos estímulos e informações ao mesmo tempo, mas cada vez mais nada nos acontece de fato, pois esse excesso de informação e estímulos não nos toca e não nos permite experiências. Nesse sentido, sendo a experiência o que nos permite a individuação, essa requer parar para pensar, para olhar, para escutar, para sentir, suspender a opinião, o juízo, ter paciência. Tais vivências tem se tornado impossíveis em nossa sociedade, pois esta estimula o contrário, que é o excesso de trabalho, a velocidade, a competição, o excesso de informação e o excesso de opinião. Em nossa cultura, conhecimento se tornou sinônimo de informação e aprender se resume a adquirir e processar informação. Nossa sociedade também nos estimula cada vez mais a opinar sempre, a ser a favor ou contra algo, sendo que você nem sequer reflete o porquê dessa posição.

O mundo do trabalho exige respostas rápidas, portanto exige reflexões imediatas. Assim:

[...] se requer do indivíduo, nos dias de hoje, que se posicione a respeito de quase tudo, posto que a ignorância é considerada menos a ausência de um saber que pede por ele, do que uma falha na formação do indivíduo. Isso o leva a ter de se valer de mecanismos rápidos que configurem o novo à luz dos esquemas ordenadores já prontos e, com isso, a experiência é impossibilitada (CROCHÍK, 2000, p. 23).

O preconceito está intimamente ligado à incapacidade de ter experiência e reflexão, pois ele é um empobrecimento da experiência por parte do sujeito, cujas características intelectuais se baseiam no pensar estereotipado acerca da realidade, de pessoas, da política, etc.(CROCHÍK, 2000). Nesta direção, se as pessoas parassem para pensar de onde vem esse estranhamento com o outro – sobre o estereótipo - certamente veria o quão cruel é isso. O outro é excluído simplesmente porque ele é diferente ou porque reflete algo que o preconceituoso esconde (como no caso da fragilidade que Macabéa evidencia). Se o preconceituoso pensasse nesse seu sentimento em relação ao outro, ele veria o quão sem sentido é, e o quanto ele está implicado no seu alvo de preconceito.

Olímpico representa claramente esses valores da sociedade atual e, por isso, vê as perguntas de Macabéa com tanto desdém. Essa ausência de reflexão e experiência, de acordo com Crochík (2000), caracteriza o preconceito. Logo, essa diferença no pensar e no refletir de Macabéa também a faz ser vítima de preconceito, pois tendemos a excluir não só quem é

diferente mas também quem pensa diferente. De acordo com o mesmo autor, “a estereotipia do pensamento não diz respeito apenas aos conteúdos que envolve, mas também à forma de pensar, que nos é exigida” (CROCHÍK, 2000, p. 25) Olímpico também é minoria, é nordestino, pobre, vítima de preconceitos, mas, diferente de Macabéa, tem os pensamentos e valores introjetados da cultura dominante, seu maior desejo “era o de subir para um dia entrar no mundo dos outros” (LISPECTOR, 1998, p.65). Ao julgar as perguntas de Macabéa e a tratar como ignorante, e também o fato de a ter trocado por Glória, confirma que Olímpico reflete os valores da sociedade administrada, mesmo pertencendo à minoria, e se torna preconceituoso em relação à personagem principal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão sobre o preconceito é ampla e está apagada na sociedade na qual vivemos. O presente artigo promove uma releitura da obra de Clarice Lispector como uma forma de enxergarmos na arte e, especificamente, na literatura, algo que está tão presente em nossa volta, bem como o de tentar compreender as dimensões psicossociais desse fenômeno e de problematizar a sociedade tecnológica na qual vivemos. As pessoas inseridas nessa sociedade têm se caracterizado cada vez mais como intolerantes aos que se destoam do padrão imposto, no sentido de negação do outro, uma valorização do individual e, conseqüentemente, uma desvalorização do coletivo. Nesse sentido, os mecanismos sociais e econômicos de nossa cultura têm impedido uma relação mais humana entre os membros dessa sociedade. A protagonista de Clarice, Macabéa, representa esse “outro” e, no livro, podemos perceber a sua não adaptação a esse mundo padronizado, bem como suas possibilidades de resistência, essas últimas, inscritas na contraditória singularidade que o narrador, Rodrigo S.M, apontou para a descrição e constituição da personagem. Sendo assim, as divergências tanto físicas quanto ideológicas que Macabéa apresenta para com os padrões e modelos impostos na sociedade tecnológica contemporânea, faz dela a metáfora de sujeitos vítimas de preconceitos. E o presente artigo procurou enxergar essa diversidade apresentada pela protagonista e então refletir sobre o preconceito e a sociedade que o fomenta cada vez mais.

## REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Barcelona, Espanha: *Revista Brasileira de Educação*, 2002. Disponível em: <[http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19\\_04\\_JORGE\\_LARROSA\\_BONDIA.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2011.

CROCHÍK, José Leon. *Preconceito, Indivíduo e Cultura*. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

FREUD, Sigmund. (1974). O Mal-Estar na Civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 75 – 175). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).

HORKHEIMER, M. & ADORNO, T.W. O Interesse pelo corpo. In *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

JORGE, Marco Antonio Cutinho. *Fundamentos da Psicanálise de Freud e Lacan*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005. 1 v.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

RAMOS, C. *A dominação do corpo no mundo administrado*. São Paulo: Escuta, 2004.

SPERBER, Suzi Frankl. Jovem com ferrugem: In SCHWARTZ, R. (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.